

A REFERÊNCIA DE GRUPO DO VOLUNTARIADO

JOSÉ LUIS PÉREZ ÁLVAREZ

CADERNO
VOLUNTARIADO

04

DESAFIO ORGANIZATIVO

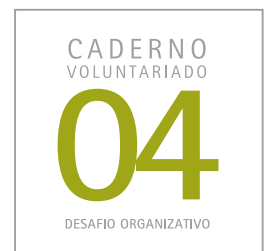


banco de voluntariado
FUNDAÇÃO EUGÊNIO DE ALMEIDA

A REFERÊNCIA DE GRUPO DO VOLUNTARIADO

JOSÉ LUIS PÉREZ ÁLVAREZ

Fundação ADSIS





APRESENTAÇÃO

A Fundação Eugénio de Almeida acredita no Voluntariado enquanto valor e prática exemplar de uma cidadania activa, livre, responsável e solidária.

O Voluntariado é o resultado de uma opção pessoal de mudar a realidade social a partir do encontro com o outro. Nessa medida, a acção voluntária não se restringe ao campo social – onde a sua presença continua a ser indispensável –, mas alarga-se também à cultura, ao ambiente, à educação, à justiça, e a todas as outras dimensões da vivência humana.

Por outro lado, o Voluntariado é também uma escolha individual de desenvolvimento pessoal através da abertura a novas experiências e aprendizagens.

O Voluntariado tem vindo a assumir novas formas para responder às questões que continuamente emergem do tecido social, económico e político, de que são exemplo o voluntariado empresarial, o voluntariado de competências ou o voluntariado de proximidade.

Eno entanto, os valores identitários do Voluntariado permanecem imutáveis, quaisquer que sejam as circunstâncias de tempo ou lugar. Falamos da solidariedade, da generosidade, da partilha, do compromisso responsável, da acção construtiva, da gratuidade, do espírito de serviço.

A convergência da ética e da *praxis* do Voluntariado com a cultura institucional e a missão da Fundação Eugénio de Almeida fez com que esta o escolhesse como uma das suas áreas preferenciais de trabalho. É assim que, desde 2001, a Fundação desenvolve um projecto com vista à valorização e qualificação do Voluntariado e à criação de condições para o seu exercício efectivo.

Trata-se de um projecto amplo, transversal e continuado, orientado pela investigação-acção e para o desenvolvimento de novos modelos de actuação, com uma forte aposta na formação de voluntários e quadros das organizações.

Neste contexto, o voluntário é, ele próprio, o centro e o objecto de uma linha de acção integrada que passa pela motivação, pela formação geral e especializada, pelo enquadramento e acompanhamento no terreno, em suma, pela oferta de um itinerário formativo que permita ao voluntário crescer como pessoa e servir a comunidade.

O carácter diferenciador deste projecto da Fundação assenta na produção e sistematização de conhecimento enquanto factor estruturante da qualificação da acção voluntária. Destaca-se, como marco desta estratégia, a *Officebox do Voluntariado*, que disponibiliza uma metodologia e um conjunto de instrumentos operativos pioneiros em Portugal na gestão e animação de Voluntariado de Proximidade.

O Banco de Voluntariado da Fundação Eugénio de Almeida tem sido outro instrumento importante na implementação do projecto, funcionando como mediador activo entre voluntários e organizações, e animando uma rede onde a informação, o conhecimento e as oportunidades criam sinergias com impactos positivos na comunidade.

Paralelamente, a Fundação tem desenvolvido um conjunto de projectos de voluntariado em parceria com diversas instituições públicas e privadas.

O âmbito destas parcerias alarga-se também a outros níveis de colaboração aquém e além-fronteiras, disso mesmo dando bom exemplo a presente publicação.

Face à escassez de publicações sobre o Voluntariado em Portugal, quer do ponto de vista conceptual quer do ponto de vista prático, a Fundação considerou imperativo disponibilizar informação sistematizada sobre este tema. Nesse sentido, e com o apoio da Plataforma do Voluntariado de Espanha, apresenta um conjunto de

cadernos seleccionados a partir da colecção *A Fuego Lento*, da autoria de reputados especialistas espanhóis e editada por aquela Plataforma.

Estes cadernos, agora traduzidos e adaptados para Português, abordam um leque diversificado de temas e vão conhecer uma divulgação alargada, a partir da região de Évora para todo o país. A Fundação espera assim dar mais um contributo para a formação e qualificação dos diversos agentes envolvidos na prática do Voluntariado.

Estar na vanguarda da promoção de um Voluntariado qualificado é, para a Fundação Eugénio de Almeida, uma opção estratégica movida por uma forte convicção institucional: a de que só um Voluntariado qualificado pode tornar um compromisso individual num movimento colectivo com verdadeiro poder de transformação social.



COLECÇÃO «A FUEGO LENTO»

PARTINDO das diferentes entidades e plataformas nacionais* de voluntariado, temos vindo a reflectir em fóruns, Escolas de Outono e comissões de formação acerca da necessária actualização das nossas entidades sobre tudo o que tenha a ver com a formação de voluntários. A partir da nossa experiência e do diálogo em curso, vamos descobrindo a necessidade de nos ajustarmos a novas e imaginativas formas de conceber e pôr em prática este trabalho de formação. A nossa inquietação prende-se com a urgência em apostar nos processos educativos de longo alcance, que vão além da formação entendida como a mera transmissão de conteúdos ou de capacidades com vista a «preparar» os voluntários. Estamos convencidos de que os processos sob a forma de itinerário educativo respondem de uma forma mais integrada às necessidades tanto do voluntariado actual como da própria acção voluntária. Quando falamos de itinerário, não nos limitamos a um método de trabalho formativo, mas referimo-nos a uma vasta constelação de preocupações e ocupações quotidianas relativas a:

- _ Questões relacionadas com os processos de formação dos voluntários;
- _ Questões relacionadas com a acção voluntária;
- _ Questões relacionadas com a organização do voluntariado;
- _ Questões relacionadas com a criação de redes com terceiros.

*Nota do Editor: Referência às plataformas espanholas de voluntariado.

Gostaríamos de dar resposta a todas estas inquietações nestes cadernos, sabendo que os estilos educativos marcam e modelam as formas organizativas, os modelos de actuação e os tipos de coordenação com terceiros. Tudo isto requer grandes doses de paciência, flexibilidade e sentido de tempo educativo: um tempo que é *contracultural*, porque aposta necessariamente no *fogo lento*, e não no microondas dos cursos e *workshops* caracterizados pela pressa ou pela eficácia. Daí surge o título da nossa colecção *A Fuego Lento*, expressão de um compromisso educativo conjunto a longo prazo.

Nesta colecção pretendemos responder a três tipos de desafios com que nos deparamos actualmente.

- 1_ *Desafios educativos*, dado tratar-se de processos educativos que vão além dos espaços e tempos formativos tradicionais e que requerem visões do mundo e concretizações que devem conter uma clara perspectiva educativa.
- 2_ *Desafios organizativos*, dado que uma determinada forma de centrar os processos educativos no voluntariado constitui um modo concreto de entender a organização sociovoluntária, na qual todos somos afectados pelas linhas de actuação destes itinerários educativos, onde não só falamos de voluntários, mas também de animadores de voluntariado, de redes de animadores, de referências de grupo, etc.
- 3_ *Desafios transformadores*, dado que o voluntariado não é um gestor social, mas sim um transformador do ambiente que nos rodeia e um agente dinamizador que trabalha para obter condições de vida dignas para os mais desfavorecidos.

COLECÇÃO <i>A FUEGO LENTO</i>		
	TÍTULO	AUTOR
DESAFIO EDUCATIVO	1_ Os itinerários educativos do voluntariado	Luis Aranguren
	2_ Acompanhamento na acção. A figura do animador ou animadora de voluntariado	Jully Rodríguez
	3_ Motivação da pessoa voluntária	Miguel Ángel Díaz
DESAFIO ORGANIZATIVO	4_ A referência de grupo do voluntariado	José Luis Pérez Álvarez
	5_ Os desafios de uma acção voluntária integral	Alejandro Romero
	6_ Coordenação e redes de organizações de solidariedade	Enrique Arnanz Villalta
DESAFIO TRANSFORMADOR	7_ Presença pública do voluntariado	Sebastián Mora Rosado
	8_ Sociedade da informação e voluntariado	Carmen Laviña
	9_ Metodologias de análise da realidade global e local	Fernando de La Riva

A estrutura de cada um dos 9 cadernos da colecção é praticamente idêntica, consistindo em quatro secções diferentes:

- A. Conteúdo teórico do tema
- B. Propostas didácticas
- C. Vocabulário básico
- D. Bibliografia comentada

Os cadernos *A Fuego Lento* foram concebidos para serem trabalhados, mais do que lidos, para serem discutidos em grupo, mais do que «engolidos» individualmente, e para potenciarem, em última instância, o crescimento pessoal e colectivo do voluntariado e o reforço da qualidade da acção voluntária das nossas entidades e plataformas.

Luis A. Aranguren Gonzalo
Coordenador da Colecção *A Fuego Lento*, da Plataforma do Voluntariado de Espanha





ÍNDICE

13	I. CONTEÚDO TEÓRICO
15	1. Solidariedade. Referência e relação
16	2. Apelo ao voluntariado
17	3. A referência de grupo do voluntariado
18	4. Opções prévias
18	4.1. Presença
19	4.2. Solidariedade
19	4.3. Criatividade
20	5. Objectivos fundamentais a organizar por ordem de prioridade
21	6. Dinamismo indutivo
24	7. O diálogo no grupo
25	8. A formação no grupo
28	9. Projecto do grupo
29	10. Três dimensões formadas pela solidariedade
32	11. O animador do grupo
35	II. PROPOSTAS DIDÁCTICAS
37	1. Para avaliar o grupo
43	2. Para avaliar os membros do grupo
47	3. Para avaliar a actuação dos animadores de grupo
50	4. Para orientar as dinâmicas da formação
53	III. UM VOCABULÁRIO PARA NOS ENTENDERMOS MELHOR
57	IV. BIBLIOGRAFIA COMENTADA

I.

CONTEÚDO
TEÓRICO

1_ SOLIDARIEDADE. REFERÊNCIA E RELAÇÃO

Um dos desafios organizativos do Voluntariado é a respectiva referência de grupo. Nesta publicação abordamos os diversos aspectos a ter em conta relativamente à configuração, finalidades, tarefas e dinâmicas do grupo de voluntários em termos de pertença e das referências institucionais adequadas.

O VOLUNTARIADO é um movimento de acção social incentivado pela vivência da solidariedade. A solidariedade é consciência, sentimento e actividade, orientados para as situações humanas, pessoais e colectivas de necessidade e desamparo.

A solidariedade torna-se efectiva no voluntariado por *referência* a organizações que funcionam como plataformas de lançamento. Estas acolhem os voluntários, dotam-nos das competências necessárias e colocam-nos no campo da acção humanitária. A referência entre os voluntários e as diferentes organizações é garantia de identidade, eficácia e permanência.

Por outro lado, a partir dessa referência institucional, os voluntários entram numa relação entre si, criando vínculos colectivos de acção, formação e amizade. Através da relação de grupo, os voluntários passam a fazer parte da inserção e da actividade nos ambientes comunitários e nas tarefas que lhes são inerentes.

A partir das referências institucionais e das relações de grupo, os voluntários descobrem a via que confere identidade e eficácia crescentes ao seu compromisso solidário, com todas as derivações sociais e políticas a ele associadas.

Nem sempre todos chegam a compreender as exigências organizativas e estruturais do voluntariado. No entanto, é inquestionável que um voluntariado sem referências e sem relações consolidadas está condenado à falta de significado e de eficácia social. É necessário estabelecer, entre a realidade social e as pessoas, mediações que sirvam de convocatória, de referência de grupo e de serviço, que funcionem como ponte solidária entre a realidade a transformar e as possibilidades dos voluntários.

Estas mediações institucionais funcionam igualmente como interlocutoras com os poderes político-sociais, a fim de actuar sobre as causas e as condições estruturais que estão na origem das situações de pobreza, marginalização ou carência.

2_ APELO AO VOLUNTARIADO

CADA UMA das organizações sociais que convoca voluntários deve propor acções solidárias baseadas em projectos e programas de intervenção social que contem com o compromisso da própria organização.

O apelo ao voluntariado representa para muitas pessoas, sobretudo mais jovens, a entrada num mundo de experiências novas, de valores renovadores, de solidariedade partilhada que transforma a consciência e a visão da vida e do mundo.

A RELAÇÃO e a actividade solidária entre as organizações sociais, os profissionais, os voluntários e as pessoas afectadas por situações de marginalidade ou carência estabelecem um intercâmbio recíproco de apelos e contributos. Todos juntos conseguem sentir-se simultaneamente objectos e destinatários de um mesmo projecto de libertação e promoção.

As organizações convocam os voluntários com base numa diversidade de projectos que implicam *actividade, formação e relação*.

CONVOCADOS PARA A ACTIVIDADE SOLIDÁRIA:

A actividade solidária procura colaborar com vista a uma promoção genuína das pessoas e das comunidades como um todo. Isto implica, acima de tudo:

- _ A identificação com os problemas, necessidades e lutas de pessoas e grupos desfavorecidos.
- _ A tomada de uma posição crítica de denúncia face a uma sociedade que cria e mantém relações de injustiça.
- _ A adopção de um compromisso realmente libertador através de serviços concretos. Estas actividades e serviços inserem-se nos diversos programas de intervenção social. O grupo de voluntários deve especificar, em colaboração com os responsáveis pelos programas, o teor, o tempo, a forma e a coordenação da sua colaboração.

CONVOCADOS PARA UMA FORMAÇÃO ADEQUADA:

Os voluntários precisam de informações e de uma formação objectiva adequadas que os preparem para o desenvolvimento do compromisso que assumiram e que os ajudem a formar uma consciência e prática críticas que favoreçam a tomada de posições claras em relação às realidades com que se comprometem.

Esta formação realiza-se em simultâneo com a actividade de voluntariado, com base nas experiências, urgências e necessidades que observam e assumem a nível pessoal e colectivo.

CONVOCADOS PARA UMA RELAÇÃO ESPECIAL:

A acção e a formação apelam à conveniência de grupos de voluntários caracterizados por uma certa homogeneidade. O grupo constitui o âmbito da análise, programação, lançamento e revisão de actividades. É também uma oportunidade de comunicação de experiências e vivências.

A organização que convoca os voluntários deve promover a criação dos grupos, designar um dos seus membros experientes como animador do grupo, estimular e organizar a relação entre os grupos, a fim de reforçar o sentido de pertença e de co-responsabilidade e o conhecimento e enriquecimento mútuos.

3_ A REFERÊNCIA DE GRUPO DO VOLUNTARIADO

O SIGNIFICADO e o valor do grupo na organização de voluntariado derivam da própria natureza e finalidade deste último. Num primeiro momento, o voluntário sente-se chamado a solidarizar-se com um grupo humano que é, ao mesmo tempo, uma comunidade paciente e activa nas situações sociais concretas que exigem mudança e solução humanitária. Este grupo é designado por *grupo de inserção*.

Simultaneamente, os voluntários são integrados numa organização que os promove e lança para a acção solidária com base em parâmetros de proximidade, organização e eficácia. Esta organização é designada por *grupo de referência*.

O voluntariado também se divide em diferentes grupos de voluntários por sectores sociais e de actividade, com as consequentes exigências de formação e envolvimento pessoais. Trata-se de *grupos de relação*.

Gradualmente, a partir da própria experiência, as diferentes organizações de voluntariado social foram descobrindo estas três dimensões que dão identidade aos grupos.

O exercício da solidariedade vai tecendo esta trama de envolvimento entre a acção, a pertença e a relação, de tal modo que o projecto que envolve os voluntários afecta não só a actividade social, como também um processo de pertença e de formação que aprofunda a consciência das pessoas e o influxo social e político.

A partir destas referências de grupo, o voluntariado transforma-se numa força mais coesa de participação e construção social.

Nas seguintes reflexões abordaremos sobretudo *o grupo de voluntários como âmbito de acção*, relação e formação.

4_ OPÇÕES PRÉVIAS

O ACOLHIMENTO inicial dos voluntários representa para as organizações uma tarefa de apuramento e formação orientada para explicar e promover três opções básicas junto dos voluntários, as quais funcionam como ponto de partida para permitir a identidade de um grupo de voluntários capaz de desenvolver um projecto integral. Estas opções básicas são: *presença, solidariedade e criatividade*.

4.1_ PRESENÇA

Referimo-nos à necessidade de conhecer e assumir, por parte dos voluntários, o ambiente e a realidade social em que se insere a intervenção social. Os voluntários não devem ser agentes estranhos à realidade social em que é feita a intervenção humanitária, nem seres superiores alheios às solicitações e necessidades da comunidade de que irão fazer parte.

A aproximação deve constituir o primeiro passo da solidariedade. Os voluntários actuam promovendo o protagonismo da colectividade onde se inserem, funcionando eles próprios como apoio e estímulo ao protagonismo da comunidade.

A presença dos voluntários deve favorecer o encontro, o acolhimento recíproco, o diálogo integrador para potenciar não só a actividade, mas também relações que estimulem a criação de uma comunidade partilhada, com dignidade e esperança no esforço de todos.

4.2_ SOLIDARIEDADE

A solidariedade dos voluntários não deve contribuir para a inibição das pessoas directamente envolvidas nas situações de carência ou emergência. Deve situar-se e ser exercida no próprio interior da comunidade a servir, na rede das suas instituições e relações. Uma solidariedade exercida a partir de baixo, da promoção de relações igualitárias. Com humildade e tacto, os voluntários procuram provocar e partilhar uma actividade solidária que dê lugar à palavra e à relação mais profundas no colectivo humano e a uma participação mais radical nas instituições públicas.

A solidariedade dos voluntários deve dar preferência, acima de tudo, a projectos que contribuam para que os marginalizados tomem as rédeas da sua própria vida e actividade, ao invés de os tornar num objecto de beneficência. Excepto em eventuais casos de emergência, os voluntários orientam a sua solidariedade para projectos destinados a criar oportunidades de intervenção social numa comunidade especialmente carente.

4.3_ CRIATIVIDADE

Partindo da análise da realidade e do dinamismo das organizações de voluntariado, é necessário promover a criatividade permanente nas formas de exercer a solidariedade. A partir da capacitação profissional dos voluntários e das necessidades do ambiente de intervenção, será preciso identificar as possibilidades reais e orientar os voluntários no exercício da solidariedade, respeitando as suas opções e a sua sensibilidade, e estimulando a disponibilidade e a criatividade nas formas e nos meios de intervenção social.

É evidente que, para desenvolver estas opções básicas, o grupo de voluntários é o meio privilegiado para uma tomada de consciência inicial, para um apuramento e formação posteriores, e para a valorização gradual da acção solidária.

5_ OBJECTIVOS FUNDAMENTAIS A ORGANIZAR POR ORDEM DE PRIORIDADE

O GRUPO de voluntários é constituído por um número de pessoas que favoreça não só a acção, como também uma relação interpessoal que aprofunde a participação de cada um nos objectivos fundamentais do grupo. Por conseguinte, é necessário que, tendo em conta as exigências e as dinâmicas de um grupo activo e homogéneo, o número de voluntários de cada grupo não seja excessivo.

OS OBJECTIVOS FUNDAMENTAIS A ATINGIR SÃO OS SEGUINTEs:

- _ Integração dos voluntários e do grupo numa organização que os ajude a estabelecer-se e a crescer nos objectivos solidários assumidos e partilhados.
- _ Experiência partilhada de um projecto comum de **inserção e acção solidária e de integração** num ambiente e num grupo social específico.
- _ A partir da experiência, exercer pressão e força para compreender e assumir a realidade com base numa **análise social, estrutural e política** que os ajude a determinar o valor e a orientação da sua presença e da sua acção solidária.
- _ Educação e consolidação da **consciência**, experimentando e comparando as diferentes **mentalidades e posições** no momento de avaliar as situações concretas a enfrentar.
- _ Estímulo profundo e gradual com vista ao compromisso conjunto e ao incentivo mútuo através de maiores apostas solidárias e de maior experiência afectiva de **pertença a um grupo**.

- _ Identificar as necessidades de **formação** a partir das exigências da experiência solidária e assumir o desafio de integrar o grupo neste compromisso.
- _ Manter **relações adequadas** com outros grupos de voluntários, promovendo acções conjuntas e a interacção em actividades solidárias e formativas.

Estes objectivos fundamentais devem ser integrados indutivamente num projecto de grupo que sirva de referência para a sua estruturação.

Em qualquer dos casos, entre a grande variedade de configurações colectivas, é necessário articular o projecto de grupo com base em três sectores:

- _ **Sector da actividade:** intervenções do grupo e das pessoas na realidade social a transformar. Modos de presença, âmbito da intervenção, actividades a realizar, tempos, relações com a comunidade.
- _ **Sector da consciência:** análise da realidade, comunicação e reflexão para explicar o conjunto de valores e sentimentos que afloram em cada um a partir da vivência pessoal resultante da experiência solidária. Aspectos que requerem um aprofundamento posterior com a correspondente acção formativa a assumir.
- _ **Sector da comunhão:** tudo o que foi acima referido afecta as relações interpessoais tanto no grupo como entre as pessoas, criando um sentimento e um compromisso de comunhão solidária.

6_ DINAMISMO INDUTIVO

A FORMAÇÃO de um grupo de voluntários capaz de assumir um dinamismo adequado não é uma tarefa imediata nem fácil. Implica um tempo de experiência e crescimento em que a participação de cada voluntário e o compromisso do acompanhante são fundamentais, como veremos mais tarde.

O grupo de voluntários irá assumindo os objectivos anteriormente descritos na medida em que a sua dinâmica derive da intervenção social: induzir, a partir da prática solidária, as exigências pessoais e sociais dela resultantes, tanto ao nível da consciência como das relações e do compromisso.

NÃO SE TRATA, portanto, de um grupo exclusivamente limitado à acção. Também não é um grupo onde se assume um dinamismo formativo alheio às exigências da solidariedade partilhada e vivida. Trata-se de ir dando forma ao grupo, nos seus diferentes sectores e objectivos, a partir de um processo indutivo que vai integrando gradualmente as dimensões pessoais e sociais dos seus membros.

É preciso esclarecer, como ponto de partida, que o voluntariado solidário, realmente humanista e aberto, é em si mesmo consequência e causa de um *processo educativo permanente*.

ESTE PROCESSO É COMPOSTO PELOS SEGUINTE PASSOS:

1_ A EXPERIÊNCIA NA ACÇÃO SOLIDÁRIA

No exercício da acção solidária, os voluntários experimentam novas realidades que, evidentemente, são assumidas de diferentes formas, com base nas circunstâncias pessoais, nas relações estabelecidas e na natureza da acção a realizar.

Deve ser feita uma distinção entre o que se experimenta objectivamente na actividade solidária comum e na experiência subjectiva vivida por cada pessoa. Os valores, sentimentos e reacções que o voluntário experimenta afectam necessariamente os diferentes níveis da consciência pessoal. O que se manifesta exteriormente não é o mesmo que se vive interiormente.

2_ DA EXPERIÊNCIA À CONSCIÊNCIA

A comunicação da experiência vivida é fundamental no grupo de voluntários.

A actividade realizada é acompanhada por exercícios de tomada de consciência com o contributo de todos e o incentivo do acompanhante. É importante trazer à superfície a realidade objectiva experimentada e a avaliação subjectiva que se faz da mesma, transmitindo os valores, sentimentos, interrogações, receios e relações vividos.

Surge assim no grupo uma consciência pessoal e colectiva cujos denominadores comuns vão dando identidade e motivação ao grupo e enriquecem a respectiva acção solidária.

3_ DA CONSCIÊNCIA À REFLEXÃO

Ao analisar a realidade solidária e ao trazer à superfície a nova consciência adquirida, o grupo acaba por identificar algum aspecto concreto a aprofundar com vista a uma formação mais adequada e uma acção mais qualitativa e motivada. Estes podem ir desde aspectos técnicos a aspectos antropológicos, sociais ou políticos.

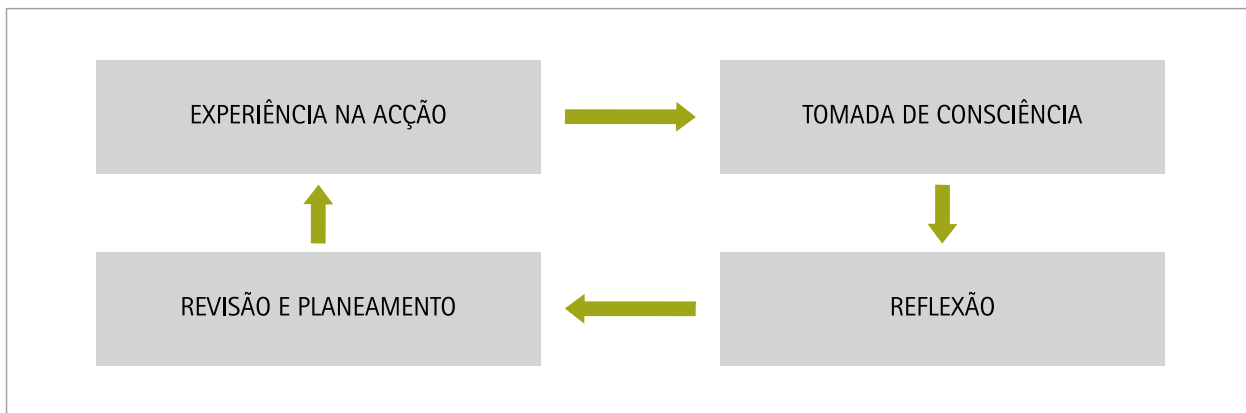
A metodologia da reflexão pode ser variada, como iremos referir quando abordarmos a questão da formação no grupo.

4_ DA REFLEXÃO À REVISÃO E AO PLANEAMENTO DA ACÇÃO SOLIDÁRIA

Partindo da experiência da acção solidária, da tomada de consciência e da reflexão formativa oportuna, passamos para a revisão da presença, das relações e das actividades realizadas. Tentamos identificar os aspectos a melhorar e a corrigir através de um questionário que, funcionando como um filtro, nos ajude a rever objectivamente o que foi realizado e vivido.

A partir dessa revisão, abordamos o planeamento da acção a realizar, determinando aspectos pessoais e colectivos concretos que devem ser objecto de especial atenção.

É preciso ajudar os voluntários a interiorizar e a comunicar a experiência vivida. Isso implica uma preparação do grupo e a gradual colocação em prática dos vários aspectos deste dinamismo indutivo, assumindo as dificuldades pessoais e os diferentes níveis de participação.



7_ O DIÁLOGO NO GRUPO

O DINAMISMO indutivo acima descrito implica um diálogo permanente no grupo. A dinâmica experiência-consciência-reflexão-revisão-planeamento será devidamente aplicada se todos os voluntários participarem, dispostos a viver a solidariedade a partir e com o grupo em permanente diálogo.

O diálogo no grupo tem quatro funções: amplifica, revela, interpreta e unifica.

_ **Diálogo amplificador:** A experiência vivida e comunicada na acção solidária, exercida em grupo, implica habitualmente um conjunto de avaliações, sentimentos e interpelações. O diálogo amplifica os denominadores comuns e realça as dimensões da experiência mais partilhadas, que passam a ser «património» do grupo.

_ **Diálogo revelador:** Da comunicação da experiência emergem as particularidades das pessoas. Com o diálogo podemos conhecer-nos, aceitar-nos e valorizar pessoalmente o respeito e a complementaridade. Os voluntários enriquecem a acção solidária do grupo na medida em que se assumem e apreciam como pessoas entre si, unidos num mesmo compromisso livre e pessoal.

_ **Diálogo intérprete:** Dentro do grupo, os voluntários são chamados a interpretar em profundidade a realidade vivida na solidariedade. Diálogo que interpreta e analisa as situações, com as suas causas e efeitos, as relações com as suas vivências, as intervenções sociais, com as suas possibilidades e carências.

É necessário interpretar, a partir da solidariedade, a cultura dominante, a orientação das profissões, a qualidade das estruturas e das relações sociais. Obviamente, isso implica uma orientação adequada da formação.

_ **Diálogo unificador:** A solidariedade envolve uma experiência que tende a unificar os valores e os sentimentos das pessoas. Dialogar em grupo, de e para a solidariedade, pressupõe uma abertura à distinção de valores globais que superam a fragmentação da cultura dominante e a uma visão transcendente da pessoa, dos seus direitos e responsabilidades.

Deste ponto de vista, a solidariedade torna explícita uma hierarquia de valores e unifica as relações interpessoais dos voluntários na abertura em relação aos outros.

Dialogar em grupo, a partir da solidariedade, da consciência e da reflexão partilhadas, implica o crescimento em termos de boas relações, de desejo de evolução e eficácia, de qualidade de análise e motivações, de pertença mais profunda a um grupo e de relação com a comunidade.

8_ A FORMAÇÃO NO GRUPO

ANTES da consolidação do grupo, é necessária uma formação inicial dos voluntários para os enquadrar devidamente, iniciar na experiência solidária e preparar para a integração no grupo, assumindo a pertença a uma determinada organização.

Uma vez integrado num determinado grupo, mais do que participar num projecto de formação previamente definido, o grupo de voluntários deve ir dando forma, partindo do dinamismo indutivo e dialogante já referido, à temática sobre a qual deve reflectir em relação à vivência da sua actividade solidária.

DINAMISMO A SEGUIR NA FORMAÇÃO

A formação dos voluntários deve estar intimamente associada ao dinamismo da actividade solidária, assumindo as implicações que esta exige e as consequências que dela derivam.

Neste contexto, realçamos os seguintes aspectos:

- _ Análise da realidade comunitária e social que será objecto da intervenção.
- _ Planeamento da intervenção social concreta e da sua interacção institucional e comunitária.
- _ Análise e estratégia da actividade solidária.
- _ Comunicação e reflexão motivada sobre a experiência, tanto ao nível da comunidade social, como do grupo e dos seus membros.
- _ Consequências pessoais e colectivas da experiência vivida: relações, valores, sentimentos, motivações...
- _ Projectção posterior para a presença e as acções subsequentes.

Nesta dinâmica serão oportunamente incluídos alguns temas a aprofundar.

DIFERENTES ÁREAS DE INTEGRAÇÃO DA REFLEXÃO TEMÁTICA

No caderno 4 da Plataforma *La Formación del Voluntariado Social* (p. 15 e ss.) são indicadas as diferentes áreas de reflexão temática:

- _ **Formação pessoal:** motivações, atitudes, aptidões, responsabilidade, gratuidade, abordagem...
- _ **Formação colectiva:** dinâmicas de grupo, dramatização de papéis, comunicação, relações dentro da instituição, projecto de grupo...

- _ **Formação institucional:** conhecimento da associação onde é integrado o voluntário, possíveis domínios de intervenção, acções possíveis...
- _ **Formação social:** problemática social concreta na comunidade, acção voluntária no contexto em questão, prevenção e reinserção, sensibilização da comunidade, relação com as instituições...
- _ **Formação técnica e prática:** análise da realidade, programação, trabalho de equipa, acompanhamento e avaliação dos programas...

O animador, no âmbito do processo e da dinâmica de grupo, irá enquadrando os diferentes temas que poderão vir a ser aprofundados.

A FORMAÇÃO DO GRUPO PODE SER ORGANIZADA DE VÁRIAS FORMAS

- _ Através de material bibliográfico a estudar individualmente e, mais tarde, a debater em conjunto.
- _ Através de sessões de trabalho em que, utilizando questionários previamente analisados, se procede a um aprofundamento comum.
- _ Através de conferências ou cursos intensivos sobre temática monográfica.
- _ Através de reuniões entre diferentes grupos para intercâmbio de experiências, etc.

GLOBALIDADE DA FORMAÇÃO

Convém salientar que a formação deve ser orientada para a globalidade da pessoa, em termos de motivações, valores, relações, atitudes e, simultaneamente, para a qualidade da intervenção solidária.

É importante que a formação colectiva consolide a identidade do grupo na sua inserção na comunidade de intervenção, assim como na sua pertença à associação e à natureza solidária e social que a caracteriza.

9_ PROJECTO DO GRUPO

OS VOLUNTÁRIOS, sobretudo se forem jovens, dispõem de várias formas de ocupar o tempo, assim como de actividades de carácter pessoal e profissional. Por isso, é muito importante definir o projecto do grupo de forma realista e possível. Devemos ter em conta as diferentes situações dos membros do grupo para adaptar os tempos e as dinâmicas da acção e da formação às possibilidades reais.

Devemos assegurar o consenso e o compromisso de cada uma das pessoas ao definirmos gradualmente o projecto do grupo. Será necessário garantir um acolhimento e uma aceitação dos voluntários como preparação fundamental antes da sua integração na instituição e no grupo. É indispensável reservar tempo para construir os alicerces do grupo.

No momento de promover os grupos, convém ter em conta vários factores:

- _ Pessoas que querem inscrever-se a partir de grupos já existentes.
- _ Pessoas com afinidades profissionais que as tornam adequadas para determinadas intervenções sociais.
- _ Pessoas com possibilidades ou exigências especiais em termos de cultura, idade, formação anterior, determinadas relações sociais e institucionais, etc.
- _ Pessoas com preferências de acção em domínios de intervenção social específicos.

Todos estes aspectos devem ser tomados em consideração quando for possível formar os grupos e fazer a sua oferta diversificada aos voluntários após a formação inicial básica e a integração em determinada associação.

Posteriormente, e de forma gradual, vão sendo concretizados os aspectos que intervêm na configuração do projecto do grupo:

- _ A aceitação de um animador de grupo proposto pela associação.
- _ A determinação do tempo disponível para a actividade solidária por parte de cada pessoa.

- _ A definição dos tempos e horários disponíveis para o encontro e as dinâmicas próprias do grupo.
- _ O conhecimento mútuo dos membros do grupo.
- _ A proposta de conteúdos e dinâmicas com uma periodicidade mínima trimestral. Posteriormente, com base na experiência e no dinamismo do grupo, apresentação de propostas e dinâmicas subsequentes.
- _ A familiarização gradual com o projecto global da entidade.
- _ A realização de uma análise da realidade, tanto no interior do grupo como no âmbito da acção voluntária.

É NECESSÁRIO evitar impor ao grupo um projecto ideal e teórico, previamente estabelecido pela associação correspondente. O animador/formador poderá, de forma gradual e indutiva, ir propondo os diversos pontos do plano institucional e consolidando uma dinâmica adaptada, dialogada e exequível.

É fundamental promover sempre a relação interpessoal e o diálogo vital a partir da acção solidária e da experiência vivida.

10_ TRÊS DIMENSÕES FORMADAS PELA SOLIDARIEDADE

Como já referimos, o TRABALHO formativo do voluntário no grupo é realizado a partir da experiência da solidariedade partilhada. Evidentemente, a tomada de consciência ao nível dos valores e das motivações afecta positivamente a pessoa. O voluntário contribui com solidariedade e, simultaneamente, recebe impulsos especiais que transformam a sua vida, a sua sensibilidade e as suas referências interiores.

Neste contexto, devemos ter em conta *três dimensões* pessoais positivamente formadas pela solidariedade: a cultura, a profissão e as relações.

1_ CULTURA E SOLIDARIEDADE

Há que reconhecer que, em vários domínios da sociedade actual, não são fomentadas as virtualidades participativas dos indivíduos e dos grupos. Verificamos que o consumo, o bem-estar, a satisfação pessoal imediata e o comodismo dominam muitos dos nossos desígnios. A cultura pós-moderna, individualista e fragmentária induz muitas pessoas a viver de forma anónima e individualista. Nesse sentido, o trabalho realizado no grupo pode ser um antídoto para tais tendências.

Antes de mais, é necessário realçar a natureza da verdadeira cultura como «actividade que permite ao homem e à mulher estarem no mundo precisamente como pessoas, como seres dotados de sentido, abertos a valores transcendentais, com necessidade de dar forma ao meio que os rodeia, relacionados com o próximo com um tu em liberdade, capazes de fazer de qualquer meio a expressão do seu mundo interior» (Olegario González de Cardedal).

Os voluntários devem distinguir se a cultura que envolve a sua vida lhes permite uma abertura gradual à co-responsabilidade própria de um ser social, chamado à fecundidade na vida da comunidade.

A verdadeira cultura está aberta ao quotidiano e à transcendência. Assim, a solidariedade deve dar forma tanto à acção sociopolítica como aos valores que a sustentam. A solidariedade é um critério fundamental de distinção do facto cultural.

A relação entre cultura e solidariedade implica o reconhecimento da identidade de ambas as realidades e, simultaneamente, da interacção entre ambas. Esta influência mútua poderá ser crítica e até conflituosa, sobretudo numa cultura fechada às necessidades sociais e à transcendência do ser humano.

2_ CULTURA E PROFISSÃO

Encorajadas pela cultura dominante, muitas pessoas consideram o desempenho da profissão como um meio para atingir a sua própria auto-realização com vista à posse, ao poder e ao bem-estar. Sem dúvida, o negro panorama do emprego para muitos jovens dificulta a realização das suas aspirações, mas não é por isso que a competitividade e o lucro deixam de ser o impulso para os seus esforços.

Uma cultura aberta à solidariedade ajuda a orientar a profissão e o respectivo exercício para dimensões sociais não meramente lucrativas. A orientação profissional é um aspecto importante de reflexão e discernimento que também é abordado no grupo de voluntários, ao mesmo tempo que qualifica a sua experiência de solidariedade.

Na realização das tarefas de intervenção social, os voluntários descobrem e avaliam âmbitos e organizações solidárias a que a sua profissão pode dar acesso e até vinculá-los profissionalmente.

No grupo de voluntários solidários, muitos jovens universitários têm a oportunidade de descobrir o sentido social das suas carreiras e os caminhos mais adequados para o futuro exercício de uma profissão.

A crescente experiência da solidariedade e o amadurecimento da pessoa colocam frequentemente em causa as abordagens e os valores com que anteriormente se assumiram estudos e projectos profissionais. Neste contexto, a solidariedade é uma ponte de unificação pessoal entre o «quefazer» e o ser da pessoa.

3_ RELAÇÕES E SOLIDARIEDADE

O voluntariado solidário, através do grupo, implica novas relações com grupos marginalizados e pessoas desfavorecidas com quem se partilha e actua. Estas relações vão adquirindo mais profundidade e solidez no grupo, respondendo mais plenamente aos valores e vivências que nascem da experiência partilhada.

A experiência da solidariedade remete para muitas outras relações e dá-lhes forma com a vivência de uma maior responsabilidade social e afectiva. A fidelidade à actividade solidária e aos objectivos do grupo levam os voluntários a viver para além dos meros interesses pessoais, acrescentando a própria maturidade da idade adulta e a necessidade de permanência co-responsável.

Importa salientar o modo como os voluntários, pessoalmente e em grupo, devem funcionar como detectores de consciência social nos ambientes da cultura e do trabalho.

Neste sentido, devemos aludir à presença do voluntariado nas esferas universitárias. «O processo universitário e o progresso social não podem seguir caminhos separados. Os esforços para mudar a universidade e o sistema educativo devem estar relacionados com os objectivos da transformação social e com o que acontece às pessoas e aos pobres das suas sociedades, incentivando os universitários a comprometer-se de forma mais profunda na

transformação da sociedade e da universidade.» (Assembleia Mundial do Movimento Internacional de Estudantes, Montreal 1982).

A universidade é um meio privilegiado para a convocatória do voluntariado social. Os grupos de voluntários podem encontrar na esfera universitária um campo privilegiado de relações, de convocatória, de consciencialização e de lançamento de iniciativas, possibilitando assim a interacção entre as associações de intervenção social e a universidade.

É importante analisar, dentro do grupo, o contexto cultural, profissional e relacional em que os voluntários desenvolvem as suas vidas, de modo a permitir ao grupo distinguir as dimensões pessoais e sociais em que se movem as pessoas.

Quanto mais global a experiência e a reflexão no grupo, tanto mais se poderá evitar entre os voluntários o «pára-quedaismo» (actuar num contexto permanentemente alheio), o generalismo (voluntário para tudo), o amadorismo (actividades sem sentido), o iluminismo (falso salvador), a estratégia da ansiedade, o activismo, o narcisismo, etc.

11_ O ANIMADOR DO GRUPO

O GRUPO de voluntários precisa de uma pessoa, pertencente à associação, que funcione como acompanhante e animador do grupo, com vista a dinamizar os diferentes aspectos da acção social, da formação e das suas relações com a associação.

As associações responsáveis pelos voluntários devem assegurar a formação dos animadores de grupo. Estes devem ser pessoas com experiência na acção solidária, conhecedoras das dinâmicas do projecto de grupo e identificadas com os valores e opções da associação a que pertencem.

O animador do grupo deve estimular a participação de todos, promover a dinâmica indutiva a partir das actividades realizadas, colocar interrogações e sublinhar os aspectos que possam ser úteis para a análise da realidade e das implicações pessoais e colectivas.

Através da formação e da auto-reflexão, o animador impulsiona no grupo um processo que vai desde a descoberta da realidade, do ponto de vista dos que com ela sofrem, até ao compromisso com a mesma. Deste modo, incentiva a educação das pessoas com base no exercício da solidariedade e nas suas implicações.

NESTES PROCESSOS, o animador não deve agir como quem sabe e dirige, mas sim como mais um elemento que procura, descobre e assume os desafios do compromisso voluntário. Deve deixar que o grupo adquira voz própria, dinamismos criativos e iniciativas específicas, em conformidade com o contexto e os objectivos da associação a que pertence.

O animador irá determinando as capacidades pessoais e profissionais dos voluntários e incentivará cada um deles a colocá-las ao dispor de todos. Deste modo, os voluntários ganham protagonismo e identificam-se em termos efectivos e afectivos com o grupo e com o compromisso inerente.

É importante a relação e o intercâmbio entre os diversos animadores de grupo para comunicar experiências, planear acções conjuntas, partilhar alguns temas de formação, estabelecer relações com instituições e receber informação.

O animador estimulará os voluntários na permanente convocatória de novos voluntários, sobretudo quando surgem novos âmbitos e tarefas de solidariedade.

O animador garantirá a relação dos voluntários com os profissionais contratados da associação, sobretudo no momento de planear e rever a actividade de intervenção social e nos aspectos da formação em que os profissionais podem contribuir com a sua especial idoneidade.

A associação deve fornecer aos animadores os materiais adequados para o trabalho do grupo e para a formação pessoal e colectiva dos voluntários.

O ANIMADOR *deve ter atitudes especiais:*

- _ sensibilidade para estimular uma solidariedade crescente nos voluntários;*
- _ compreensão das situações que nascem da experiência vivida;*
- _ conhecimento do âmbito social onde se desenvolvem as actividades;*
- _ capacidade de chamar a atenção para valores e atitudes decorrentes da experiência vivida;*
- _ promoção dos vínculos de união no grupo;*
- _ proximidade e comunicação interpessoal com os voluntários;*
- _ pertença efectiva e afectiva à associação;*
- _ ausência de protagonismos indevidos, agindo sempre com base na diversidade dos contributos dos membros do grupo.*

Em qualquer dos casos, deve actuar sempre com paciência e por etapas, evitando extremos e estimulando a perseverança e a gratuidade no exercício da solidariedade.

II.

PROPOSTAS
DIDÁCTICAS

1_ PARA AVALIAR O GRUPO

a) Objectivos

- _ Disponibilizar um instrumento de avaliação no âmbito da motivação, da configuração e do diagnóstico do grupo.

b) Desenvolvimento

São apresentadas três propostas de trabalho numa reunião. Guiar-nos-emos pelas indicações assinaladas em cada caso.

1.1_ Para motivar o valor do grupo

O animador deve motivar e ajudar a aprofundar as dimensões pessoais e sociais implicadas na relação e na pertença ao grupo:

- _ O grupo facilita a colaboração na acção solidária.
- _ O grupo estimula as relações entre as pessoas.
- _ O grupo constitui o âmbito da comunicação pessoal.
- _ O grupo possibilita a reflexão comum.
- _ O grupo traz consigo a riqueza da formação em comum.
- _ O grupo reforça a pertença à associação.

Posteriormente, incentiva a comunicação pessoal entre os voluntários, de modo a analisar estes aspectos com base num questionário prévio onde os referidos aspectos figurem sob a forma de perguntas.

1.2_ Para a configuração do grupo

A configuração do grupo deve ter em conta alguns aspectos:

- _ Pessoas que fazem parte do grupo.
- _ A homogeneidade das pessoas: idade, profissões, tempo disponível, actividades solidárias preferenciais, anteriores relações entre si, ambientes de origem.
- _ Escolha da actividade comum a realizar.
- _ Frequência das reuniões.
- _ Plano inicial.
- _ Determinação das funções dentro do grupo.

Com base nestes aspectos, é elaborado um pequeno desenho ou documento. Este é entregue previamente a cada voluntário para que prepare as suas respostas e, numa reunião posterior, procurar-se-á determinar os denominadores comuns e estabelecer os pontos de partida para a configuração inicial do grupo.

1.3_ Para o diagnóstico do funcionamento do grupo

Propomos sete factores para analisar e determinar a «moral elevada» do grupo: a cada um deles, associámos uma escala de avaliação entre 1 (muito pouco) e 5 (muito) para nos aproximarmos o mais possível da realidade do nosso grupo.

Factor 1_ Boa qualidade das relações afectivas interpessoais

Critérios	Avaliação				
	1 Muito Pouco	2 Pouco	3 Aceitável	4 Significativo	5 Muito
Satisfação dos voluntários com a actividade solidária realizada pelo grupo					
Coesão e compreensão recíproca					
Ajuda mútua					
Confiança mútua					

Factor 2_ Boa aceitação e boa compreensão do animador e dos profissionais

Critérios	Avaliação				
	1 Muito Pouco	2 Pouco	3 Aceitável	4 Significativo	5 Muito
Relações de estima e confiança					
Ausência de conflitos por rivalidade ou influências indevidas					
Aceitação e respeito pelas particularidades de cada um					
Avaliação positiva da associação					

Factor 3_ Confiança no cumprimento dos objectivos do grupo

Critérios	Avaliação				
	1 Muito Pouco	2 Pouco	3 Aceitável	4 Significativo	5 Muito
Valor positivo das actividades realizadas					
Imaginação e criatividade no seu desenvolvimento					
Interesse pelas dinâmicas de formação					
Confiança na permanência e maturidade do grupo					
Sentimento de pertença crescente					
Avaliação positiva dos meios utilizados					

Factor 4_ Cooperação e espírito de participação

Critérios	Avaliação				
	1 Muito Pouco	2 Pouco	3 Aceitável	4 Significativo	5 Muito
Participação crescente					
Qualidade da comunicação pessoal					
Diálogo respeitoso e plural					
Abertura progressiva às outras pessoas					
Crescente relação entre os interesses pessoais e o grupo					

Factor 5_ Aceitação positiva das dificuldades que surgem no ambiente onde se actua

Critérios	Avaliação				
	1 Muito Pouco	2 Pouco	3 Aceitável	4 Significativo	5 Muito
Analisá-las como desafios à maior perseverança e coesão do grupo					
Assumi-las como inerentes a todas as lutas pela justiça					
Analisar as próprias falhas com capacidade crítica					
Assimilar as tensões institucionais que podem derivar da denúncia da injustiça					
Aceitar que o voluntariado pode ver-se envolvido em certas tensões políticas					
Avaliação positiva dos meios utilizados					

Factor 6_ Ambiente adequado para as relações do grupo

Critérios	Avaliação				
	1 Muito Pouco	2 Pouco	3 Aceitável	4 Significativo	5 Muito
Alegria e actividade					
Satisfação dos voluntários por pertencer ao grupo					
Capacidade de atrair e convocar outros voluntários					
Grupo aberto a outros grupos					
Bom acolhimento na comunidade de intervenção					

Factor 7_ Maturidade mostrada pelo grupo

Critérios	Avaliação				
	1	2	3	4	5
	Muito Pouco	Pouco	Aceitável	Significativo	Muito
Capacidade de reflexão dos seus membros					
Capacidade de concretizar adequadamente os seus objectivos e meios					
Participação e responsabilidade nas decisões					
Desempenho das tarefas e dos papéis pessoais no grupo					
Clima de aceitação e respeito pelas pessoas e pela situação em que vivem					
Transformar as utopias em opções e acções realmente possíveis					

Através desta avaliação simples e de cada um dos factores indicados, aproximamo-nos de uma realidade da qual devemos tomar consciência: qual o ponto da situação em relação a este factor? Deste modo, podemos ir dialogando sobre cada um dos sete factores propostos.

2_ PARA AVALIAR OS MEMBROS DO GRUPO

a) Objectivos

- _ Tomar consciência do papel de cada membro no grupo.
- _ Reflectir sobre o nível de desenvolvimento pessoal adquirido no ser voluntário com outros.

b) Desenvolvimento

Faremos esta proposta ao longo de duas reuniões de trabalho. Na primeira apresentaremos o material de reflexão e iremos respondendo ao questionário final. Na segunda reunião propomos a realização de um debate conjunto com os contributos de cada um.

Para reflexão

No desenvolvimento pessoal, partindo da experiência vivida no exercício da solidariedade, os voluntários crescem e enriquecem-se em três dimensões complementares que também serão apresentadas ao grupo:

- _ Consciência
- _ Actividade
- _ Relações de comunhão

Estas dimensões proporcionam diversos aspectos para a percepção pessoal e para o acompanhamento das pessoas e dos grupos.

1_ Consciência

Não nos referimos aqui à «consciência moral» (a voz da consciência), mas sim à «consciência da realidade» enquanto conjunto de conceitos e de valores que o voluntário vai adquirindo sobre o mundo, a vida e si próprio.

A realidade vai adquirindo determinado sentido e significado para a pessoa, através da sua interpretação sobre o mundo, as pessoas e as suas relações e de uma escala de valores cada vez mais profunda e sólida.

Apresentamos aqui de seguida alguns elementos para a determinação do nível de consciência:

- _ Experiências mais influentes na formação da consciência.
- _ Sensibilidade pessoal para captar a realidade social.
- _ Ambientes sociais onde se desenvolvem as relações estáveis.
- _ Palavras-chave através das quais se expressa a realidade vivida.
- _ Principais sentimentos que surgem durante o desenvolvimento da acção solidária.

2_ Actividade

A actividade é o campo das intervenções pessoais na realidade. A consciência adquirida a partir da experiência, leva o voluntário a tomar decisões e a eleger uma acção que procure mudar as situações necessárias. Na actividade manifesta-se a solidariedade, exerce-se a liberdade e o desenvolvimento interior num ou noutro sentido.

A nova consciência impulsiona a actividade, que, por sua vez, reforça e enriquece a tomada de consciência pessoal e colectiva.

Apresentamos de seguida alguns critérios para determinar a actividade solidária:

- _ Conhecimento da realidade onde se intervém.
- _ Solidariedade com a comunidade com que se colabora.
- _ Compromisso concreto em termos de tempo e permanência.
- _ Sentido e trabalho de equipa.
- _ Ausência de protagonismos e integração no grupo.
- _ Compromisso em melhorar a capacidade técnica.
- _ Capacidade de envolver outros na acção.

3_ Relações de comunhão

As relações sociais de cada voluntário devem ser qualitativamente aperfeiçoadas, de modo a que cada pessoa entre em comunhão de interesses e de iniciativas com os outros.

A comunhão surge quando se partilha a tomada de consciência e a actividade com outras pessoas. É precisamente este o objectivo do grupo. No grupo, os voluntários aprendem indirectamente a avaliar a qualidade de outras relações pessoais e a valorizá-las como fonte de crescimento para as pessoas.

Crescer em relações de comunhão implica «viver a alteridade», ou seja, viver aberto aos outros enquanto parte da mesma família, grupo ou sociedade que nos dá forma. A vivência da alteridade responsável faz parte da condição de ser adulto.

Apresentamos de seguida alguns critérios para determinar as relações de comunhão:

- _ Capacidade de receber e ouvir o outro com interesse.
- _ Dialogar com sinceridade e compreensão.
- _ Assumir as diferenças como riqueza de grupo.
- _ Universalizar as relações sem exclusividades prévias.
- _ Promover a auto-estima em cada pessoa e o respeito pela originalidade dos outros.
- _ Preocupar-se mais com o ser do que com o parecer.
- _ Não instrumentalizar os outros em função do próprio projecto.

Questionário

Pedimos a cada voluntário uma avaliação pessoal por escrito: como me vejo a mim próprio através destes critérios sobre a consciência, a actividade e as relações de comunhão.

A partir do material reflectido e trabalhado podemos discutir ideias na reunião seguinte.

3_ PARA AVALIAR A ACTUAÇÃO DOS ANIMADORES DE GRUPO

a) Objectivos

- _ Disponibilizar critérios de avaliação das características educativas e comportamentais da pessoa que acompanha e anima o grupo de voluntários.

b) Desenvolvimento

Leitura e comentário das funções do animador a seguir descritas.

1_ Funções importantes a distinguir

Indicamos algumas das principais funções do animador no grupo e o empenho que deve dedicar às mesmas.

Leia atentamente os quadros seguintes e comente: quais os principais aspectos em que o nosso animador deve melhorar? Com que aspectos estamos mais satisfeitos?

Ajudar a explicar as necessidades e os problemas do ambiente onde se intervém:

- _ Conhecimento sociológico da comunidade e do seu ambiente.
- _ Avaliação das necessidades básicas.
- _ Objectivação das causas estruturais e pessoais.
- _ Possibilidade de intervenção social.
- _ Disponibilidade objectiva e subjectiva dos voluntários.
- _ Interacção desta actividade com a acção comunitária.

Ajudar a identificar e a assimilar os sinais e a linguagem adequados para a inserção no ambiente social e no grupo:

- _ Conhecer e assimilar a cultura dominante e as suas expressões vitais no ambiente de intervenção.
- _ Identificar os sinais e a linguagem mais adequados para uma integração humilde e solidária na comunidade de intervenção social.

Ajudar a crescer na comunicação dos valores e dos sentimentos no seio do grupo a partir da experiência vivida:

- _ Intervir no grupo, colocando interrogações.
- _ Promover a intervenção democrática e participativa.
- _ Evitar protagonismos que possam excluir outras pessoas.
- _ Facilitar a liberdade e o respeito na comunicação.
- _ Não centrar as respostas em si próprio, mas sim no grupo.

Estimular a criatividade na acção e nas dinâmicas do grupo:

- _ Racionalizar as dificuldades encontradas na acção.
- _ Ajudar a detectar falsas desculpas e desânimos.
- _ Incentivar a procura de novos caminhos e iniciativas.
- _ Apelar sempre aos valores de fundo da solidariedade.
- _ Lançar novos desafios e convidar a participar na determinação dos mesmos.

Analise e comente o quadro seguinte: verifica-se algumas das situações descritas com o nosso animador?

Desta forma, o animador tentará evitar erros de intervenção:

- _ Evitar substituir o grupo no diálogo e no discernimento.
- _ Evitar limitar a sua intervenção ao âmbito formativo e temático.
- _ Evitar limitar a sua intervenção à programação da acção.

É preferível que seja o nosso animador a comentar os seguintes aspectos.

Relação e convergência entre os diferentes animadores:

- _ Reflexão conjunta sobre a identidade do voluntariado.
- _ Reflexão sobre os dinamismos da acção voluntária.
- _ Reflexão sobre a personalidade a formar e os seus valores.
- _ Convergência e acordo sobre a intervenção e as acções.
- _ Complementaridade na formação dos grupos.
- _ Actividades a propor entre os grupos.
- _ Amizade e sentido de pertença.

4_ PARA ORIENTAR AS DINÂMICAS DA FORMAÇÃO

a) Objectivos

_ Avaliar a dupla possibilidade de metodologia (indutiva/dedutiva) nos nossos processos formativos.

b) Desenvolvimento

Leitura de cada uma das possibilidades oferecidas e, posteriormente, trabalhar com base no questionário proposto.

Para reflexão

A dinâmica formativa dedutiva desenvolve-se através de:

1_ Tema ou conferência

2_ Reflexão pessoal com base em questionários

_ Aspectos mais importantes discutidos?

_ Dificuldades práticas?

_ Meios necessários?

3_ Diálogo dentro do grupo

_ Exposição pessoal a cada pergunta.

_ Denominadores comuns explicitados.

_ Diálogo em cada pergunta.

_ Síntese final.

_ Aplicações práticas suscitadas.

A dinâmica indutiva pode desenvolver-se:

1_ A partir da acção solidária realizada

- _ Experiências vividas na actividade.
- _ Experiências vividas nas relações.
- _ Principais valores de consciência.
- _ Sentimentos inovadores e profundos.
- _ Apelos com vista ao futuro.
- _ Aspectos para reflectir na formação.

2_ A partir de um acontecimento social a analisar

- _ Identificar o que realmente acontece e as respectivas causas.
- _ Avaliar a situação com base em valores de solidariedade.
- _ Identificar as medidas a tomar.
- _ Explicitar as implicações estruturais.
- _ Deduzir os compromissos pessoais e colectivos.

A formação pode ser estimulada através de leituras pessoais (livros, selecção de textos, análise de inquéritos sociológicos, etc.), visitas, estudo no terreno com vista à intervenção social, reuniões com comunidades e actores, diálogos com profissionais.

A dinâmica mais adequada deve ser seleccionada de acordo com a natureza dos diferentes objectivos da formação.

Questionário

- _ Que tipo de dinâmica utilizamos com maior frequência no nosso grupo: indutiva ou dedutiva?
- _ Identificação das vantagens e desvantagens de cada uma.

III.

UM VOCABULÁRIO
PARA NOS ENTENDERMOS
MELHOR

- _ **Atitudes:** Orientação geral ou disposição pessoal profunda que se manifestam nas diversas reacções mostradas face a pessoas ou situações da vida e que se traduzem em opiniões, juízos de valor e comportamentos.
- _ **Ambiente ou âmbito:** Refere-se ao local onde vive um indivíduo ou um grupo, assim como aos modos de vida nesse contexto social nos seus aspectos psicológicos, culturais, sociais, históricos. Tudo isso interfere na intervenção social a realizar.
- _ **Comunicação:** Operação que estabelece uma relação entre as pessoas e que consiste em transmitir um conhecimento, uma informação, uma experiência, uma vivência ou um afecto. A comunicação tem como objectivo a participação das pessoas e dos grupos na tomada de consciência da realidade pessoal e social.
- _ **Comunidade:** No sentido social, refere-se ao conjunto de pessoas caracterizado pela vizinhança e pelos acontecimentos sociais no ambiente em que se inserem. No sentido de grupo refere-se a um grupo unido por objectivos próprios e por uma certa unidade afectiva.
- _ **Cultura:** O modo específico de viver, pensar, acreditar e criar de um povo ou grupo étnico, assim como os sinais utilizados para se expressar.
- _ **Dinâmica de grupo:** Conhecimento dos fenómenos específicos dos grupos primários e das suas regras. Métodos de intervenção para promover a terapia do grupo e melhorar a sua evolução e desenvolvimento.
- _ **Experiência:** Indica a vivência e o envolvimento pessoal do indivíduo numa actividade ou acontecimento com repercussão na formação da consciência e dos afectos. Esta dimensão subjectiva diferencia a experiência da experimentação.
- _ **Grupo:** Realidade onde ocorre uma interacção entre as pessoas através de relações interpessoais, de um fluxo afectivo, de objectivos comuns e da participação colectiva. Pode ou não estar associado a uma organização ou associação mais ampla.
- _ **Interacção:** Intercâmbio entre os membros de um grupo através da intervenção verbal, de sinais externos e actividades que dão origem a uma relação de proposta/resposta que se repercute no dinamismo do grupo.

- _ **Participação:** Compromisso e contributos dos membros de um grupo em relação aos objectivos e ao dinamismo do mesmo. O nível de participação depende do grau de coesão afectiva e de adesão das pessoas ao grupo. A participação multiplica a interacção e a interdependência no grupo. O grupo de pertença é aquele onde a pessoa participa vivamente e desempenha uma função e responsabilidade assumida.
- _ **Referência:** Refere-se à relação das pessoas e dos grupos com uma organização cujas normas, valores, objectivos gerais e modelos de comportamento são assumidos.
- _ **Papel:** Atitude, função e comportamento de uma pessoa no grupo.
- _ **Socialização:** Desenvolvimento da sensibilidade a partir dos estímulos e deveres sociais de um ambiente de vida. Desenvolvimento da pessoa na sua capacidade de cooperação e participação com vista a promover a humanização de um grupo.

IV.

BIBLIOGRAFIA COMENTADA

NAVAJO GÓMEZ, P., *Captación, acogida y orientación de voluntarios*. Cuadernos de la Plataforma 3. Madrid, 1990.

- _ Neste caderno são descritos, de forma pormenorizada e prática, os passos a dar no apelo ao voluntariado antes da oferta e da formação do grupo. Antes de formar um grupo de voluntários, é importante consolidar os aspectos de convergência em cada um dos membros. Neste documento, é interessante a concepção e a dinâmica de «processo» no acolhimento e na orientação dos novos voluntários.

LAMA, J. M.^a, *Metodología de la acción voluntaria*. Cuadernos de la Plataforma 5. Madrid, 1990.

- _ Este texto é especialmente útil para orientar a acção solidária do grupo. Apresenta aspectos metodológicos muito adequados para o planeamento, a análise e a revisão da actividade do ponto de vista da intervenção social. É objecto de especial interesse a relação entre a acção do grupo de voluntários e a comunidade.

AA.VV., *Voluntariado*. Documentación Social 104. Madrid, 1996.

- _ Este número da publicação «Documentación Social» contém diferentes artigos sobre o voluntariado, relacionados com os aspectos mais importantes da natureza e da configuração do voluntariado.

ALFARO, M.^a E., *La formación del voluntariado social*. Cuadernos de la Plataforma 4. Madrid, 1990.

- _ Texto muito prático para orientar a formação dos voluntários. É interessante a concepção educativa integral da formação e a metodologia de processo com os objectivos correspondentes.

PPVE, *Manual de formación de formadores de voluntariado*. Madrid, 1998.

_ Materiais muito adequados para a formação dos grupos no voluntariado. Apresentam-se objectos de reflexão anteriores e dá-se unidade ao conjunto, a fim de disponibilizar um projecto completo de formação de formadores. É interessante a dimensão antropológica integral da formação apresentada. Ao mesmo tempo, ressalva-se o valor do grupo, das suas dinâmicas e técnicas, na metodologia a seguir.

ALGUNS ARTIGOS DE ESPECIAL INTERESSE:

GARCÍA ROCA, J., *La cultura del voluntariado*. Revista de Teología y Pastoral, 911 (1989) 453.

PLACER UGARTE, F., *Las dimensiones educativas de la animación sociocultural*. Documentación social 70, (1988) 65-81.

FICHA TÉCNICA

Título Original

El Referente Grupal del Voluntariado

2ª edición

Colección A Fuego Lento

Autor

José Luis Pérez Álvarez

Edição Original

Plataforma del Voluntariado de España

Edição Portuguesa

Fundação Eugénio de Almeida

© Desta Edição

Fundação Eugénio de Almeida

Tradução

SintraWeb, Informática e Serviços, Lda

Design Gráfico

MindImage Design, Lda

Impressão

Fernandes & Terceiro, S.A.

Tiragem

1000 exemplares

ISBN

978-972-8854-42-3

Depósito Legal

319295/10

Novembro 2010



04

A REFERÊNCIA DE GRUPO DO VOLUNTARIADO

A acção voluntária articula-se como um processo indutivo em que a tarefa concreta é ultrapassada por todo um processo de aprendizagem onde a transformação social, por mínima que seja, é acompanhada pelo crescimento pessoal dos actores que nela intervêm. Numa cultura cada vez mais dividida e num voluntariado que se vai transformando gradualmente em porta de entrada para espaços que ofereçam fontes de sentido e de identidade às pessoas, o grupo de voluntários e profissionais contratados torna-se numa mediação pedagógica e organizativa de grande profundidade para o presente e futuro das organizações de solidariedade.

Eugénio do Almeida

FUNDAÇÃO
EUGÉNIO
ALMEIDA